

UMA CONVERSA COM O ESCRITOR EMIL M. CIORAN ENTREVISTA COM HELGA PERZ

tradução de Cássio Robson Alves da Silva¹
revisão de tradução de Thaisnara Matos²
revisão de português de Daniel Victor da Silva Souza³

Helga Perz: Cioran, a questão do sentido é algo que deve ser absolutamente evitado?

Cioran: Essa questão me inquietou durante toda a vida, mas não encontrei nenhuma resposta. Após ter lido e refletido sobre o tema, cheguei à mesma conclusão de um camponês do Danúbio ou dos iletrados da pré-história: não existe resposta. É preciso resignar-se e submeter-se à vida tal como ela surge.

H.P.: A consciência de ser incompreendido e de assim permanecer não é encorajadora, tal como mostram os esforços amiúde renovados em se explicar, e não se poderia deduzir disso um interesse inabalável pelo sentido?

1 Doutorando em Filosofia na Universidade Federal do Ceará (UFC)/CAPES. E-mail: cassioalvesdasilva13@gmail.com.

2 Mestranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Candido Mendes, graduada em Letras Português/ Francês pela Universidade Federal do Ceará (UFC), graduada em Lettres Modernes pela Université Paris-Sorbonne IV. Atualmente é bolsista FUNCAP. E-mail: thaisnara.matos@gmail.com.

3 Graduando em Letras-Alemão na Universidade Federal do Ceará (UFC) e licenciado em Letras-Português pela mesma instituição. E-mail: danielvictor2689@gmail.com.

C.: Eu sou um pouco influenciado pelo taoísmo, que diz ser preciso imitar a água, não fazer nenhum esforço e vislumbrar a vida tranquilamente. Mas, por causa de meu temperamento, sou totalmente o contrário disso. Um pouco histérico, uma espécie de epilético falho, no sentido de que não tive a oportunidade de ser realmente epilético. Se eu tivesse contraído uma grave doença, esta teria sido para mim uma libertação. Mas tive de viver sempre dilacerado interiormente, pois não encontrei uma saída fora de mim, numa grande tensão contrária à minha visão acerca da vida. Embora eu tenha da vida uma sombria concepção, sempre tive uma grande paixão pela existência. Uma paixão tão elevada que acabou se convertendo numa negação da vida, porque eu não dispunha de meios para satisfazer tamanho apetite. Desta forma, não sou um homem frustrado, mas interiormente abatido por grandes esforços. A passividade era para mim um ideal inatingível. Perguntava-me porque não escolhi o suicídio, ainda que este não seja, para mim, algo negativo. Ao contrário, a ideia de que o suicídio existe, permitia-me suportar a vida e sentir-me livre. Não vivi como um escravo, mas como um homem livre.

H. P.: Mas isto realmente prova que você é um fanático pela vida?

C.: O paradoxo de minha natureza é que eu tenho uma paixão pela existência, mas ao mesmo tempo meus pensamentos são hostis a ela. Desde sempre intui e experimentei a faceta negativa da vida, desse todo vazio. Sofri fundamentalmente de tédio. Talvez seja algo inato, inevitável. A palavra em francês que designa isso é absolutamente intraduzível: *le cafard*, eu tenho *le cafard*. Nada se pode fazer contra isso, é preciso que seja assim.

H. P.: Cioran, com o passar dos anos, a vida tornou-se mais simples ou mais difícil para você?

C.: Imagine isso: mais simples. Minha infância era um paraíso terrestre. Nasci não muito distante de Sibiu, em uma montanhosa cidade romena⁴, ficava do amanhecer ao anoitecer, fora de casa. Logo que, aos dez anos, deixei essa cidade para ingressar no colégio, tive comigo o sentimento de uma grande catástrofe. O pior aconteceu quando eu tinha dezesseis ou dezessete anos. Minha juventude foi realmente catastrófica. Eu comecei a sofrer de insônia e era incapaz de fazer algo. Permanecia deitado durante o dia inteiro. A discrepância com a minha infância foi para mim uma grande experiência. Agora, contudo, após cinquenta anos, sinto-me mais feliz, pois não vivo mais na mesma tensão. Considero isso como uma derrota. Antigamente, considerava-me

4 Trata-se da cidade de Rășinari. (N. T.)

um demônio, eu podia sucumbir a qualquer momento, porém vivia intensamente.

Em suma, em comparação com o jovem homem que eu era, sou agora o que os franceses denominam um fracassado. Alguém que falhou em sua vida, um tipo qualquer, por causa dessa ideia grandiosa que tive de minha juventude.

H. P.: E você jamais encontrou a harmonia de sua infância?

C.: Não, mas lembro-me dela como de algo completamente perdido, tendo seu lugar em um mundo precedente. Ela me parece tão distante no passado e, ao mesmo tempo, tão presente. Tenho exata lembrança da minha infância, como todas as pessoas idosas, mas como se fosse alguma coisa absolutamente longínqua. Alguma coisa que não é a minha própria vida, mas algo totalmente outro, uma vida precedente. Se eu tivesse tido uma infância triste, eu teria sido muito mais otimista em minhas ideias. Mesmo inconscientemente, sempre senti esse contraste, essa contradição entre minha infância e tudo o que veio a seguir. Isso me destruiu interiormente, por assim dizer.

H. P.: A nostalgia do paraíso perdido?

C.: Sim. Existem três lugares muito importantes para mim. São eles: Paris, Dresden e a região de Sibiu, onde eu nasci. Paris me fascinava, quando era jovem, eu queria ir à Paris e lá viver. Consegui, mas hoje estou um tanto cansado dessa cidade, vivi por muito tempo nela. Depois de Paris, Dresden era a cidade que eu mais apreciava. Sibiu está mais ou menos fora de meu alcance. Eu poderia para lá retornar, mas não quero. Não possuo mais pátria. Mas o lugar onde passei minha infância está tão vívido em mim que é como se eu o tivesse visto há alguns dias.

H.P.: Um dia você disse que o mundo no qual vivia era o mundo do Império Austro-Húngaro. Tal estilo de vida ainda possui algum significado para você?

C.: A princípio, nada mais significa alguma coisa para mim. Vivo sem porvir. Para mim, o futuro está excluído de todas as considerações, quanto ao passado, trata-se, em verdade, de

outro mundo. Eu não vivo, propriamente falando, fora do tempo, mas vivo como um homem interrompido, metafisicamente e não historicamente falando. Não há nenhuma escapatória para mim, pois não existe nenhum sentido para tal. Assim, vivo numa espécie de eterno presente sem fim e não me considero infeliz por estar desprovido de objetivo. Os homens devem se habituar a viver sem objetivo e isso não é tão simples quanto se acredita sê-lo. Em todo caso, trata-se de uma resolução. Acredito que os meus pensamentos se voltem a isto: viver sem objetivo. Eis a razão pela qual eu escrevo e trabalho tão pouco. Sempre vivi à margem da sociedade, sou um apátrida e tudo caminha bem como está. Não tenho mais necessidade de pátria, não aspiro pertencer a nada.

H. P.: Cioran, as reflexões sobre a morte nem sempre são uma maneira de conjurar o medo? Dado que não temos nada além da vida, só se pode temer a morte?

C.: Quando era jovem, eu pensava a todo o momento na morte. Era uma obsessão até mesmo durante as refeições. Toda a minha vida estava sob o jugo da morte. Jamais abandonei tal pensamento, mas arrefeceu-se com o tempo. Continua a ser uma obsessão, não mais um pensamento. Dou-te um exemplo: há alguns meses encontrei uma senhora e nós conversamos a respeito de um conhecido em comum, alguém que eu não via há muito tempo. Ela dizia que não valia a pena revê-lo, pois ele encontrava-se muito infeliz e não fazia outra coisa senão pensar na morte. Eu a respondi: "Você queria que ele pensasse em outra coisa?". Ao fim e ao cabo, não há outra questão. Certamente, é muito melhor não pensar nisso, mas nada há de anormal se ela incorrer em nossa mente. Não há outro problema. Precisamente por estar, ao mesmo tempo, paralisado e suscetível à reflexão sobre a morte é que eu nada fiz em minha vida. Não se pode ter uma ocupação quando se pensa na morte. Podemos viver somente como eu vivi, à margem de tudo, como um parasita. O sentimento que sempre me acompanhou foi o sentimento de inutilidade e de ausência de propósito. Poder-se-á dizer que é algo doentio, porém doentio apenas em seus efeitos, não na perspectiva filosófica. Filosoficamente é completamente normal que achemos tudo inútil. Por que deveríamos fazer algo? Por quê? Acredito que toda ação é fundamentalmente infrutífera e que o homem falhou em seu destino, o qual deveria ter sido o de nada fazer. Creio que o único momento coerente da história é o período antigo da Índia, onde se levava uma vida contemplativa, onde se contentava em contemplar as coisas e não em se ocupar delas. Foi então que genuinamente a vida contemplativa tornou-se uma realidade.

H. P.: Mas não poderíamos dizer que cada um vive mais para si próprio e jamais está disponível para o outro?

C.: Não, não. Eu não sou um egoísta. Esta não seria a palavra adequada. Eu sou compassivo. As penúrias alheias têm sobre mim um efeito preciso. Mas se a humanidade desaparecesse amanhã, isso seria indiferente para mim. Aliás, escrevi recentemente um artigo sobre essa questão intitulado "A catástrofe necessária". A desaparecimento do homem é uma ideia que não me desagrada.

H. P.: Os amigos são importantes para você?

C.: Sim, tenho muitos bons amigos e os vejo com muita estima, pois graças a eles é possível descobrir seus próprios defeitos. Para se desenvolver interiormente basta observar atentamente seus amigos. Sou muito grato a todos meus amigos, pelos quais tenho muito apreço, porque fiz de tudo para não ter os mesmos erros que eles. Mas não logrei êxito. A amizade só tem sentido apenas quando não se é como seu amigo. É preciso diferenciar-se dele. Senão, de que serviria a amizade?

H. P.: Seus amigos sempre foram modelos negativos para você?

C.: Todos os seres são modelos negativos. Ninguém é um santo. Porém, a fecundidade da amizade se deve ao fato de que nossos amigos são os únicos seres humanos a nos conhecerem intimamente. O exemplo de nossos amigos deve ser útil à nossa própria formação.

H. P.: Cioran, um conflito fundamental no ser humano quer que o resultado de suas reflexões não esteja sempre em acordo com aquilo que ele sente e disso surgem as dissidências. Como solucionar este conflito? Poder-se-ia considerar os momentos em que o saber e o sentimento coadunam como o ápice da vida humana? Ou você também rejeita essa hipótese?

C.: O saber e os sentimentos dificilmente formam um bom par. Para mim, houve apenas uma única descoberta na história mundial. Ela encontra-se no primeiro capítulo do *Gênesis*, que

aborda a questão da árvore da vida e da árvore do conhecimento. Esta última é a árvore amaldiçoada. A tragédia do homem é o conhecimento. Tenho observado que toda vez que assimilo conscientemente alguma coisa, o sentimento dessa mesma coisa encontra-se atenuado. O mais belo título que se poderia dar a um livro, para mim, é *Bewusstsein als Verhängnis* (A infelicidade de estar consciente)⁵. O livro, escrito por um alemão, não é bom, mas o título é a fórmula que resume minha vida. Creio ter sido demasiadamente consciente durante toda minha vida, eis o que constitui a tragédia.

H. P.: Existe ainda, para além do âmbito filosófico, alguma ciência pela qual você se interessa?

C.: Não. Sabe o que me interessa? Li uma quantidade imensurável de livros de Memórias. Interessa-me tudo que é narrado sobre a vida, tudo que é autobiográfico e gosto quando ouço alguém relatar-me sua vida e falar-me de coisas que jamais seriam compartilhadas com ninguém. Recentemente recebi uma carta impactante de uma mulher. Na carta, dizia-me ela que eu era o seu deus, que eu era o mais proeminente homem que já existira, e outras asneiras desse gênero. Não queria respondê-la. Depois disso, fui tomado pelo desejo de encontrá-la e ela veio ao meu encontro. Por quatro horas seguidas me contou toda sua vida em detalhes inimagináveis, os quais, eu estou certo disso, jamais foram revelados a qualquer pessoa. Parecia-me, de fato, um pouco incomodada, ainda assim eu estava fascinado por ela. De minha parte, fora bastante dispendioso dizer algo. Ao final, perguntei-lhe porque ela estava a contar-me tudo aquilo. Eu era apenas um escritor entre tantos outros e nem mesmo um dos grandes. Ela respondeu-me: "Há três ou quatro anos o destino me fez descobrir seu livro *De l'inconvénient d'être né*⁶; e, antes mesmo de lê-lo, sabia que fora escrito para mim". Em seguida, foi-se embora, essa desvairada cuja vida eu tomara conhecimento. Veja você o quanto me interesse pelas pessoas, mas apenas quando são perturbadas ou quando estão acometidas por algum mal.

H. P.: Mas não são todas as pessoas adultas acometidas por algum mal?

C.: Sim, porém em níveis distintos. Para tanto, é preciso que se tenha levado um duro golpe da vida. Comprazia-me daquela senhora como de alguém que realmente está mal e também

5 A obra em questão foi publicada em 1927, cujo autor é Alfred Seidel. (N. T.).

6 Originalmente publicada em francês, em 1973, a obra já foi traduzida em português. Cf. CIORAN, Emil. **Do inconveniente de ter nascido**. Tradução: Manuel de Freitas. Lisboa: Livraria Letra Livre, 2010. (N. T.).

porque ela me relatou coisas que jamais contaria a ninguém. Foi algo extraordinário, e, às vezes, questiono-me se o que mais aprecio na vida são esses momentos, onde revelamos tudo. Com pessoas nas quais revelo tudo de mim e descubro tudo das pessoas. Para mim, tais encontros talvez sejam a única justificação da vida, esses encontros excepcionais. Talvez seja o grande êxito da minha vida, se é que em minha vida posso falar de algum ato exitoso.

H. P.: Mas esse encontro excepcional não nos vincula a nada?

C.: A nada. Todavia, ele tem alguma coisa de transcendente. É como se ele acontecesse em outro planeta, fora do tempo. Ele é sem história. Nem antes, nem depois. Ele possui algo de eterno.

Entrevista publicada sob o título "Uma conversa com o escrito Emil. M. Cioran" ("Ein Gespräch mit dem schrifsteller E.M. Cioran"), no jornal alemão **Süddeutsche Zeitung**, nº 231, 7-8 out.,1978. Traduzido do alemão para o francês por Jean Lauay.

Entretien avec Helga Perz

Helga Perz : Monsieur Cioran, la question du sens est-elle une question qu'il faille absolument éviter ?

Cioran : Cette question m'a tourmenté toute ma vie, mais je n'ai trouvé aucune réponse. Après avoir pas mal lu et réfléchi, je suis arrivé à la même conclusion que le paysan du Danube ou les analphabètes de la préhistoire : il n'y a pas de réponse. Il faut s'y résigner et subir la vie comme elle vient.

H. P. : Est-ce que la conscience d'être incompris et de devoir le rester n'a pas aussi quelque chose d'encourageant comme le montrent les efforts toujours renouvelés pour s'expliquer, et ne

pourrait-on déduire de cela un intérêt inébranlable pour le sens ?

C. : Je suis un peu influencé par le taoïsme qui dit qu'on doit imiter l'eau. Ne faire aucun effort et envisager calmement la vie. Mais par mon tempérament je suis tout le contraire de cela. Un peu hystérique, une sorte d'épileptique manqué, au sens où je n'ai pas eu la chance d'être épileptique. Si j'avais eu une vraie maladie, elle aurait été pour moi une délivrance. Mais j'ai dû vivre toujours déchiré intérieurement parce que je n'ai pas trouvé d'issue hors de moi, et dans une grande tension, contraire à ma vision de la vie. Bien que j'aie de la vie une sombre conception, j'ai toujours eu une grande passion pour l'existence. Une passion si grande qu'elle s'est inversée en une négation de la vie, parce que je n'avais pas les moyens de satisfaire mon appétit de la vie. Ainsi, je ne suis donc pas un homme déçu, mais un homme intérieurement abattu par trop d'efforts. La passivité était pour moi un idéal inaccessible. On m'a demandé pourquoi je ne choisis pas le suicide. Mais le suicide pour moi n'est pas quelque chose de négatif. Au contraire. L'idée que le suicide existe me permettait de supporter la vie et de me sentir libre. Je n'ai pas vécu comme un esclave mais comme un homme libre.

H. P. : Mais cela prouve bien que vous êtes un fanatique de la vie ?

C. : Le paradoxe de ma nature est que j'ai une passion pour l'existence mais qu'en même temps toutes mes pensées sont hostiles à la vie. J'ai depuis toujours deviné et ressenti le côté négatif de la vie, que tout est vide. J'ai souffert fondamentalement de l'ennui. C'est peut-être inné, je n'y peux rien. Le mot français qui désigne cela est absolument intraduisible : le cafard. J'ai le cafard. On ne peut rien faire contre cela. Il faut que cela passe tout seul.

H. P. : Monsieur Cioran, la vie, avec les années, est-elle devenue plus simple ou plus difficile pour vous ?

C. : Imaginez-vous cela : plus simple. Mon enfance était le paradis terrestre. Je suis né non loin de Hermannstadt dans un village de montagne roumain, et du matin au soir j'étais constamment dehors. Lorsque j'ai dû quitter ce village à dix ans pour entrer au lycée, j'ai eu le sentiment d'une grande catastrophe. Le pire vint quand j'eus seize ou dix-sept ans. Ma jeunesse a vraiment été une catastrophe. Je commençai à souffrir d'insomnie,

et j'étais incapable de rien faire. Je restais couché toute la journée. Le contraste avec mon

enfance a été pour moi une grande expérience. Mais maintenant, disons après cinquante ans, je me sens plus heureux, car je ne vis plus dans la même tension. Je considère cela comme une défaite. Jadis j'étais comme un démon, je pouvais m'effondrer à tout moment, mais je vivais vraiment intensément.

En somme, en comparaison du jeune homme que j'étais, je suis maintenant ce que les Français appellent un raté, quelqu'un qui a manqué sa vie. Un pauvre type. À cause de cette idée grandiose que j'ai de ma jeunesse.

H. P. : Et vous n'avez jamais retrouvé l'harmonie de votre enfance ?

C. : Non, mais je me souviens d'elle comme de quelque chose de tout à fait perdu, comme ayant eu lieu dans un monde antérieur. Elle me paraît si loin dans le passé et en même temps si présente. Je me souviens très exactement de mon enfance, comme tous les gens âgés, mais comme de quelque chose d'absolument éloigné. Quelque chose qui n'est pas même ma vie, mais une autre vie, une vie antérieure. Si j'avais eu une enfance triste, j'aurais été beaucoup plus optimiste dans mes idées. Mais j'ai toujours senti, même inconsciemment, ce contraste, cette contradiction entre mon enfance et tout ce qui est venu ensuite. Cela m'a détruit intérieurement en quelque sorte.

H. P. : La nostalgie du paradis perdu ?

C. : Oui. Il y a trois lieux qui sont importants pour moi. Ce sont Paris, Dresde et cette région de Hermannstadt où je suis né. Paris me fascinait ; quand j'étais jeune, je voulais aller à Paris et vivre à Paris. J'y suis parvenu, mais aujourd'hui je suis un peu fatigué de cette ville, j'y ai vécu trop longtemps. Dresde était la ville qu'après Paris j'aimais le plus. Hermannstadt est plus ou moins hors de mon atteinte. Je pourrais y retourner mais je ne le veux pas. Je n'ai plus de patrie. Mais l'endroit où j'ai passé mon enfance est pour moi aussi présent que si je l'avais vu il y a quelques jours.

H. P. : Vous avez dit un jour que c'était le monde du vieil Empire austrohongrois. Est-ce que ce style de vie signifie encore quelque chose pour vous ?

C. : Au fond plus rien ne signifie quelque chose pour moi, je vis sans avenir. L'avenir est pour moi exclu à tous égards ; quant au passé c'est vraiment un autre monde. Je ne vis pas à proprement parler hors du temps, mais je vis comme un homme arrêté, métaphysiquement et non historiquement parlant. Il n'y a pour moi aucune issue parce qu'il n'y a aucun sens à ce qu'il y ait une issue. Je vis ainsi dans une sorte de présent éternel sans but, et je ne suis pas malheureux d'être sans but. Les hommes doivent s'habituer à vivre sans but et ce n'est pas aussi simple qu'on le croit. C'est en tout cas un résultat. Je crois que mes pensées se ramènent à cela : vivre sans but. C'est pourquoi j'écris très peu, je travaille peu, j'ai toujours vécu em marge de la société, je suis apatride et c'est bien ainsi. Je n'ai plus besoin de patrie, je ne veux appartenir à rien.

H. P. : Monsieur Cioran, les réflexions sur la mort ne sont-elles pas toujours une façon de conjurer la peur ? Puisqu'on n'a rien d'autre que la vie, on ne peut qu'être terrifié par la mort ?

C. : Quand j'étais jeune, je pensais à la mort à tout instant. C'était une obsession, même quand je mangeais. Toute ma vie était sous l'emprise de la mort. Cette pensée ne m'a jamais quitté, mais elle s'est affaiblie avec le temps. C'est toujours une obsession mais ce n'est plus une pensée. Je vous donne un exemple : il y a quelques mois j'ai rencontré une dame et nous avons parlé d'une connaissance commune, quelqu'un que je n'avais plus vu depuis longtemps. Elle disait qu'il valait mieux ne pas le revoir, car il était très malheureux. Il ne faisait que penser à la mort. Je lui répondis : « À quoi d'autre voulez-vous qu'il pense ? » Il n'y a pas d'autre sujet finalement. Bien entendu, c'est beaucoup mieux de ne pas y penser mais il n'y a rien d'anormal à ce qu'on y pense. Il n'y a pas d'autre problème. C'est bien parce que j'étais à la fois libéré et paralysé par cette pensée de la mort que je n'ai rien fait dans ma vie. On ne peut pas avoir de métier quand on pense à la mort. On peut seulement vivre comme j'ai vécu, en marge de tout, comme un parasite. Le sentiment que j'ai toujours eu était le sentiment d'inutilité, d'absence de but. On pourra dire que c'est maladif, mais maladif seulement dans ses effets, pas d'un point de vue philosophique. Philosophiquement il est tout à fait normal qu'on trouve tout inutile. Pourquoi devrait-on faire quelque chose, pourquoi ? Je crois que toute action est fondamentalement inutile. Et que l'homme a manqué son destin qui aurait dû être de ne rien faire. Je crois que le seul moment juste dans l'histoire est la période antique de l'Inde, où on menait une vie contemplative, où on se contentait de regarder les choses sans jamais s'en occuper. C'est alors que la vie contemplative a vraiment été une réalité.

H. P. : Mais est-ce que cela ne voudrait pas dire que chacun alors ne vit plus que pour soi et n'est jamais là pour quelqu'un d'autre ?

C. : Non, non. Je ne suis pas un égoïste. Ce ne serait vraiment pas le mot qui convient. Je suis compatissant. La souffrance des autres a sur moi un effet direct. Mais si l'humanité disparaissait demain cela me serait égal. J'ai même écrit récemment un article là-dessus, « La nécessaire catastrophe ». La disparition de l'homme est une idée qui ne me déplaît pas.

H. P. : Est-ce que les amis, c'est important pour vous ?

C. : Oui, j'ai beaucoup de bons amis que je vois très volontiers car c'est seulement grâce à ses amis qu'on peut découvrir ses propres défauts. Pour s'améliorer intérieurement il suffit de bien observer ses amis. Je suis très reconnaissant à tous mes amis que j'apprécie énormément, car j'ai tout fait pour ne pas avoir les mêmes défauts qu'eux. Mais je n'y suis pas parvenu. L'amitié n'a de sens que lorsqu'on n'est pas comme son ami. Il faut être différent de lui. À quoi servirait l'amitié sinon ?

H. P. : Vos amis ont toujours été des modèles négatifs pour vous ?

C. : Tous les êtres sont des modèles négatifs. Personne n'est un saint. Mais l'amitié se doit d'être féconde car nos amis sont les seuls êtres humains que nous connaissons intimement. L'exemple de nos amis doit être utile à notre propre éducation.

H. P. : Monsieur Cioran, un conflit fondamental chez l'homme veut que le résultat de ses réflexions ne soit pas toujours en accord avec ce qu'il ressent. Qu'il y ait là des divergences. Peut-on remédier à ce conflit et pourrait-on considérer les moments où le savoir et le sentiment se rejoignent comme des sommets dans une vie humaine ? Ou bien refusez-vous cela aussi ?

C. : Le savoir et les sentiments font rarement bon ménage. Pour moi il n'y a eu qu'une seule découverte dans l'histoire mondiale. Elle se trouve dans le premier chapitre de la Genèse, où il est question de l'arbre de la vie et de l'arbre de la connaissance. L'arbre de la connaissance,

c'est-à-dire l'arbre maudit. La tragédie de l'homme, c'est la connaissance. J'ai toujours remarqué que chaque fois que je prends conscience de quelque chose le sentiment que j'en ai s'en trouve affaibli. Le plus beau titre qu'on ait jamais donné à un livre, pour moi c'est **Bewusstsein als Verhängnis** (Le malheur d'être conscient). C'est un Allemand qui l'a écrit, le livre n'est pas bon, mais le titre est la formule qui résume ma vie. Je crois avoir été hyperconscient durant toute ma vie et c'est cela qui en fait la tragédie.

H. P. : Y a-t-il encore en dehors de la philosophie une science qui vous intéresse ?

C. : Non. Savez-vous ce qui m'intéresse ? J'ai lu un nombre incalculable de Mémoires. M'intéresse tout ce qui est récit d'une vie, autobiographie et j'aime beaucoup entendre quelqu'un me raconter sa vie, me dire des choses dont il ne parle avec personne. J'ai reçu récemment d'une dame une lettre étonnante. Elle m'écrit que je suis son dieu, le plus grand homme qui ait jamais vécu, et autres folies de ce genre. Je ne voulais pas lui répondre. Et puis l'envie m'a pris de la rencontrer et elle est venue. Quatre heures durant elle m'a raconté toute sa vie avec des détails incroyables, qu'elle n'avait encore jamais révélés à personne, j'en suis sûr. Elle avait l'air un peu dérangée, j'en conviens, mais j'étais fasciné par elle. De mon côté j'ai à peine dit un mot. À la fin je lui ai demandé pourquoi elle me racontait tout cela. Je n'étais jamais qu'un écrivain parmi d'autres et pas même un grand. Elle m'a répondu : « Il y a trois ou quatre ans le hasard m'a fait découvrir votre livre **De l'inconvénient d'être né** et avant même de l'avoir lu j'ai su que c'était mon livre à moi ! » Et puis elle s'en est allée, cette malade dont je connaissais à présent la vie. Vous voyez que les gens m'intéressent, mais seulement quand ils sont dérangés ou quand ils vont mal.

H. P. : Mais n'arrive-t-il pas à toute personne adulte d'aller mal ?

C. : Si, mais à des degrés différents. Il faut qu'il y ait eu un coup dur dans une vie. Cette vieille dame, elle me plaisait en tant que quelqu'un qui va vraiment mal, et parce qu'elle m'a dit des choses qu'elle ne racontera plus jamais à personne. C'était quelque chose d'exceptionnel, et si je me demande ce qui me plaît le plus dans la vie ce sont bien ces rencontres exceptionnelles où on se dit tout. Avec des gens auxquels je raconte tout et qui me racontent tout. C'est peut-être pour moi la seule justification de la vie, ces rencontres exceptionnelles. Et c'est peut-être aussi la grande réussite de la mienne, si je peux parler de réussite.

H. P. : Mais cette rencontre exceptionnelle, elle n'engage à rien ?

C. : À rien. Mais elle a quelque chose de transcendant. C'est comme si elle avait lieu sur une autre planète, hors du temps. Elle est sans histoire. Ni avant, ni après. Elle a quelque chose d'éternel.

Entretien paru sous le titre "Ein Gespräch mit dem schrifsteller E.M. Cioran", dans le journal allemand **Süddeutsche Zeitung**, n° 231, des 7-8 octobre 1978.

Traduit de l'allemand par Jean Launay.

referência

CIORAN, Emil. *Entretien avec Helga Perz*. In: **Entretiens**. Paris: Gallimard, 2012, pp. 31-38.